Maço 1.242 - N.P. de 1928

Brasileiras casadas com syrios sujeitas á escravidão

Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 1928

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
D. G. N. P. D.
27. FEV. 1928
1.272

Exmo. Sr. Director Geral

O caso das brasileiras casadas com syrios, que as conduzem para a patria delles, a principio se apresentou como simples abandono de uma ou outra senhora, e isso de modo vago, mal definido. Agora toma vulto e proporções taes que o nosso Governo se não pode desinteressar delle, ainda que tivessem as nossas patricias sido imprudentes em contrahir esses enlaces aventurosos.

A' Sua Excellencia, o Sr. Dr. Zacharias de Goes, Director Geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos.

Pelo casamento, as brasileiras não perdem a sua nacionalidade, e se, realmente, se acham soffrendo em sua liberdade, reduzidas á escravidão, ou a situação deprimente do ponto de vista moral, ou em relação á sua posição na sociedade brasileira, o Governo da sua patria lhes deve protecção.

A primeira providencia a tomar-se, no meu entender, será o Governo incumbir alguem de verificar os factos allegados, não obstante a idoneidade do informante, o Dr. Carlos Wenceck. Por isso mesmo que devem ter por verdadeiras as informações, sem esperar o relatorio da pessôa incumbida de verificar, in loco, o que se passa, o Governo, providenciará, desde já, meios de repatriação ás brasileiras, que quizerem voltar ao Brasil.

O JORNAL

Os interesses das nossas patricias no Oriente

Porque são necessarias certas precauções nos casamentos com svrios musulmanos

UMA CARTA MUITO CURIOSA E PALPITANTE AO PROFESSOR CARLOS WERNECK

O JORNAL

Os espiritos cultos e amantes do Brasil, e de dom desenvolvido e penetrante de observação, quando viajam pelo estrangeiro exercem até certo ponto um duplo papel, e de grande relevancia ambos, ainda mesmo quando o fazem particularmente, sem missões ou commissões. Propagam o nome do paiz e dizem de seus recursos e valores moraes e materiaes, e estudam por instincto as condições daquelles em que se acham, o estado de nossas relações com elles, o que podemos esperar, o que podemos fazer e o que devemos evitar, prevenir ou remediar. Um viajante assim, um turista que passa, um estudioso que se detem aqui ou ali, podem por isto, ainda que por acaso, fazer muito mais pelo Brasil e pela sorte de seus filhos e de communhão de familia, do que muitos diplomatas displicentes. Haja vista o caso do dr. Carlos Werneck, que ora percorre o Oriente, levado pelo seu desejo de fecundar ainda mais pela observação e estudo de outras terras a sua intelligencia, que é bella e poderosa. Não precisamos por signal, dizel-o porque, ao menos entre a nossa classe medica e no mundo intellectual e do ensino, não ha quem ignore aquelle nome, que é honra da cirurgia nacional, e não ha muito brilhava num dos mais esplendidos concursos já realizados na nossa Faculdade de Medicina, alcançando o 2º logar, e não tendo o 1º, apenas pela differença de dois decimos no computo total dos pontos. Mas nem por isso deixa de vir agora a proposito recordar que o professor Carlos Werneck, que elle o é de Historia Natural, só não foi nomeado por força de uma disposição sobre julgamento de concursos, condemnado, como todo a ultima reforma do ensino. Demais, elle é um laureado de Faculdade de Medicina com premio de viagem á Europa, e alem do traball o de seu brilhante concurso para a Escola Normal, de que é lente cathedratico, possue varios outros, e da maior valia, inclusive o que fez de collaboração com o dr. Raul Baptista, sobre a propedeutica cirurgica, e é considerado pelos entendidos, como modelar no assumpto.

Isto posto não temos necessidade de encarecer o valor do que mandou dizer, em longa carta, a um dos seus amigos aquelle grande cirurgião patricio, dando suas impressões do que tem visto pelo Oriente. Nem vamos, por dispensavel para o publico, transcrever a sua bella missiva na integra, porque ali ha commentarios de ordem particular ou intimo, circumstancia que assignalamos para que mais avulte a impressão escripta sem a idéa da possibilidade de ser divulgada. Como se vae ver o dr. Carlos Werneck, aborda, e com grande empenho patriotico, um ponto importante para a nossa sociedade e defesa, qual o do casamento de nossas patricias com syrios mussulmanos, que as illudem e acabam levando-as para a sua patria, onde as escravizam, e as submettem a tratos. Esta revelação, como bem se deprehende, comporta sem duvida uma providencia de parte das nossas autoridades e a propaganda que com tanto carinho suggerem a bondade e o patriotismo do missivista.

A carta do dr. Werneck, depois de referencias de ordem estranha ao assumpto, e de notas de affecto communs a todas as epistolas de bons amigos, assim aborda e desenvolve a materia que diz respeito á familia brasileira, ao destino das moças que se casam illudidas com syrios não christãos.

UM FACTO DOLOROSO DE INTERESSE DOS BRASILEIROS

"Após a Italia, que tanto me encantou, andei pela Grecia, por Constantinopla e agora, como peregrino, percorro a Terra Santa. Não ha tanta belleza como na Italia, nem o conforto do viajar se compara com o de lá; mas ha o interesse da vida oriental, com sua velha civilização, differente da nossa. Na Syria o Brasil é vastamente conhecido (não houvesse no Brasil 300.000 syrios); por toda a parte ouve-se falar portuguez e encontram-se syrios que vivem nos mais reconditos sitios do nosso interior. Em Baalbek veiu procurar-me ao hotel o medico do logar, rapaz distincto e de aspecto serio. Disse-me que, sabendo que ali se achava uma pessoa do Brasil, vinha especialmente solicitar a sua attenção para um facto doloroso de interesse dos brasileiros.

Trata-se do seguinte: muitos syrios musulmanos casam-se no Brasil com moças brasileiras, sem dizer que são mahometanos; casam-se no civil e ás vezes mesmo na igreja catholica. Depois veem para cá, trazendo as pobres moças illudidas, promettendo-lhes voltar para o Brasil. Chegando aqui, porque são musulmanos teem direitos tyrannicos sobre as mulheres, aferrolham-nas em harens, com as outras mulheres que já tinham ou com que depois se casam; obrigam-nas á vida da mulher musulmana que é degradante. Ellas revoltam-se, elles usam do "direito" de castigal-as com o açoite, que o Korão outorga ao marido, ou de encarceral-as; conduzem-nas a aldeias miserrimas, onde têm parentes, e ahi as deixam presas por castigo... Emfim, é uma vida de torturas! Ha muitas nestas condições, diz elle: se em

Baalbeck conhece 5. Ha pouco uma desesperada tentou suicidar-se, e elle como medico foi chamado: affirma que é uma moça instruida, que fala bem o francez e é filha de bôa familia paulista. Diz elle que legalmente não ha nada a fazer.

O PERIGO QUE CORREM AS BRASILEIRAS EM CONTRAIR NUPCIAS COM SYRIOS

A lei syria reconhece aos musulmanos o direito de regularem-se pelas leis de Korão, e os francezes não se mettem com elles por medo de revoltas. Elle porém, tocado desta iniquidade, e vendo que o "mal augmenta", decidiu-se a escrever uma carta ao presidente da Republica, que enviou por um syrio que ia ao Rio de Janeiro e pede-me que faça alguma coisa em prol da obra meritoria de impedir a continuação deste mal. O recurso é fazer na imprensa do Rio, e "especialmente dos Estados", uma campanha séria, avisando as moças brasileiras do perigo que correm em casar-se com syrios, "sem apurar devidamente se são christãos ou mahometanos". Com os christãos não ha temer, porque elles teem o direito de divorcio, são livres como no Brasil ou na Europa. Mas com "os mulsumanos" as leis differem e é a escravidão irremediavel. Retorqui que a sua idéa era obvia e a divulgação pela imprensa o melhor meio; mas insisti em saber si nada seria possivel fazer por via diplomatica em favor das actuaes victimas. Disse-me que o assumpto era muito delicado e os consules brasileiros na Syria, que são todos syrios, isto é, consules honorarios, não têm coragem para tanto. Um caso identico succedeu a uma norte-americano; o consul norte-americanos arranjou a sua fuga do harem, acolheu-a no consulado e repatriou-a com falso passaporte.

Ainda assim houve serias difficuldades.

Prometti-lhe que no Brasil me interessaria pelo assumpto. Em Beiruth, que é o grande porto da Syria, o consul honorario é um syrio ricaço, que não sabe uma palavra de portuguez; viveu em Buenos Aires e ahi fez fortuna; falei-lhe no assumpto, elle respondeu-me: "Conheço estes factos, são infelizmente muito numerosos e cada dia augmentam. Ainda ha um mez vi desembarcar aqui uma de chapéo e luvas, que hoje lavra a terra e trabalha de enxada como escrava, com mais tres outras mulheres do seu marido. A culpa é do governo brasileiro qu enão se interessa pelos brasileiros; não ha aqui "um só consul" que não seja honorario e nós não temos voz activa; como consul honorario nem mesmo posso dar passaportes para o Brasil, apenas me é permittido visar os dos brasileiros, passados no Ministerio. Não ha um ministro, nem representante diplomatico.

Não obstante eu fiz o que posso. ha 5 annos escrevi ao M. do Exterior uma carta, expondo-lhe a situação (e mostrou-me no livro de copias o theor da carta) pois bem eis a resposta (e mostrou-me a resposta)." O ministro dizia que as referidas brasileiras, tendo-se casado por sua livre e espontanea vontade, tendo acompanhado ao estrangeiro os seus legitimos maridos livremente, só tinham que queixar-se da sua propria imprudencia. O governo nada tinha que ver com ellas.

E terminava assim: "Não assiste ao governo nenhuma responsabilidade no acto livre, si bem que imprudente que praticaram; hoje, vivendo fóra do Brasil, não tem direito de reclamar nada do governo, uma vez que estão casadas com estrangeiros e o que soffrem é a legitima consequencia da legislação da patria de seus maridos."

Veja que doutrina! Então póde uma cafila de safados, com mentiras e falsidades, enganar as nossas raparigas, esteiar-se nas nossas leis e trafical-as para a escravidão na Asia. Com os argumentos do Ministerio o trafico das brancas está approvado, porque os caftens polacos sabidamente casam-se na Polonia com mulheres ingenuas e trazem-nas para o Brasil afim de explorar o lenocinio. Entretanto nos portos de embarque d'Europa este trafico é hoje assumpto serio de fiscalização. E o Brasil gasta dinheiro para mandar representantes a Europa para o Congresso contra o Trafico das Brancas; mas não póde impedir que do Brasil para a Asia se faça cousa semelhante.

Disse-me mais o tal consul honorario que elle pediu por intermedio de amigos que se fizesse no Brasil a referida campanha de imprensa; isto ha 5 annos, quando a coisa começou. Mas infelizmente a imprensa brasileira, sem querer discernir e sem continencia de linguagem, em vez de prevenir as moças brasileiras contra o perigo real, entendeu em desandar uma descompostura ultrajante na colonia syria em geral. Resultou que esta reuniu-se, cotizou-se e comprou os jornaes para calarem a boca. E o conseguiu. O facto passado torna impossivel a um bom syrio, como elle é, voltar ao assumpto, porque não quer vêr na imprensa brasileira injuriados os seus patricios innocentes. O essencial é distinguir: ha syrios christãos e syrios mahometanos; os que emigram para o Brasil são, na grande maioria, christãos; mas ha tambem musulmanos e até druzos.

O JORNAL

O casamento só é de evitar com os não christãos, porque estes regem-se na Syria por uma lei especial, consoante ás suas crenças e sua moral religiosa. Nenhum syrio se offende com o jornal que disser esta verdade; nem mesmo os mahometanos.

Eis aqui a coisa. O sr. com o seu espirito bondoso e philanthropico, talvez possa expôr o caso ao Mangabeira, que deve ser seu amigo.

O BRASIL NO ORIENTE ESTA' MAL REPRESENTADO DIPLOMATICAMENTE

O Brasil no Oriente, pelo que vi até agora está mal representado. Em Constantinopla o nosso consul é por favor o consul hespanhol. O de Athenas é um grego, que me declarou ser eu o segundo brasileiro que elle vê (o primeiro foi o Santos Lobo) e é nosso consul ha oito annos. Todavia pareceu-me digno de o ser: dedicado ao cargo, que é honorario. Imagine o sr. que a policia de Athenas ignorava que o Brasil fosse paiz independente e queria que eu declarasse qual o paiz sob cujo protectorado estava o Brasil, para visar-me o passaporte. Elle não só deu providencias, como redigiu um longo artigo geographico-sociologico sobre o Brasil, com vistas da nossa bahia, e fel-o estampar no principal jornal de Athenas.

Agora mesmo, como pretendo ir ao Egypto, fui ao consulado geral do Egypto em Beiruth visar o passaporte, que é aquelle "official", passado pelo ministerio, que seu sobrinho me arranjou (lembra-se ?). O consul egypcio disse-me: o sr. não tem outro documento qualquer ? Este não basta. Procure uma carta de apresentação de alguma pessoa conceituada aqui em Beiruth, declarando que o sr. é pessoa idonea e prove-me com uma carta de credito ou titulo de banco que tem meios. Foi preciso levar-lhe a minha carta de credito e uma carta de apresentação, que o consul honorario do Brasil me arranjou, para que elle visasse o passaporte. Disse-lhe eu então: "Sr. consul, o sr. naturalmente segue as praxes e as ordens de seu governo e eu sou-lhe grato pelo modo gentil com que me tratou, mas por dever de lealdade devo dizer-lhe que, em chegando ao Cairo, procurarei o ministro brasileiro (Barros Pimentel) para protestar por esta exigencia, que me parece attentar contra a dignidade do governo brasileiro. Em todos os consulados (Italia, Suissa, Yugo-Slavia, Grecia, Turquia, França, Inglaterra) o só documento do Ministerio do Exterior bastou a provar a minha idoneidade".

Elle respondeu-me que eram as ordens que tinha de seu governo e eu estava no meu direito de protestar. Emfim, são curiosidades...

Ainda nem esperar o relatorio, que, naturalmente, ha de ser demorar, o Governo brasileiro, entender-se-á, amistosamente, com as autoridades da Syria, interessando a França nesse negocio, a fim de que as autoridades locaes intervenham, impedindo, na medida do possivel, a continuação desse degradante estado de coisas, e facilitando o regresso aos brasileiros, que desejem voltar á patria.

Ao mesmo tempo, desde que, naturalmente, ~~desde~~ ha considerares interesses brasileiros na Syria, convem entrar em negociações, para a nomeação de consules europeus, que possam tornar effectiva a protecção do Brasil aos seus nacionaes residentes naquellas paragens.

Sob os auspicios da França, na capital de nacionalidade internacional, poder-se-ia obter uma accordo com a Syria,

a fim de regularizar a situação das brasileiras lá residentes. É outro ponto a resolver, segundo penso.

Alguns paizes da America consideram os syrios immigrantes indesejaveis. Acho que nos convêm outras medidas. E quanto aos futuros enlaces de brasileiras com syrios, parece que a divulgação dos horrores soffridos pelas q. deram, inadvertidamente, esse passo, é sufficiente para que se acautelem. É excusado accrescentar que as casadas não podem ser violentadas por seus maridos a acompanhal-as para onde as aguarda a escravidão e a miseria.

Eis o que me occorre ponderar.

Terminando, tenho prazer em reiterar a V. Ex.ª os protestos da minha perfeita estima e distincta consideração.

Clovis Beviláqua